

Amanda Oliveira Rabelo

**Os futuros professores e a sexualidade:  
concepções, preconceitos e atuação profissional**

Rio de Janeiro  
2002

Amanda Oliveira Rabelo

**Os futuros professores e a sexualidade:  
concepções, preconceitos e atuação profissional**

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO: FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

REITOR: PIETRO NOVELINO  
DECANA: MARIA JOSÉ C.M. WHELLING  
COORDENADORA DO CURSO: LIGIA MARTHA C. DA COSTA COELHO  
PROFESSOR ORIENTADOR: MARIA AMÉLIA G. S. REIS

OS FUTUROS PROFESSORES E A SEXUALIDADE: CONCEPÇÕES, PRECONCEITOS  
E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

AMANDA OLIVEIRA RABELO

Monografia apresentada ao Departamento de  
Didática da UNIRIO para obtenção do grau  
de pós-graduado em docência do ensino  
superior

Professor Orientador: MARIA  
AMÉLIA GOMES DE SOUZA REIS

Rio de Janeiro  
2002

RABELO, Amanda Oliveira Rabelo. Os futuros professores e a sexualidade: concepções, preconceitos e atuação profissional. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2002, 48 f.

### Dedicatória

Dedico este trabalho monográfico àquele que mais tem me oferecido apoio nos meus estudos e, por vezes, se “sacrificado” para este fim, nas minhas buscas felizes e nos momentos em que penso que não consigo ir além - meu namorado Leonardo.

## Agradecimentos

Agradeço nessa monografia assim como em todos os meus questionamentos acadêmicos, à pessoa que me fez descobrir que eu gostava de pesquisar e que me deu apoio em todas as minhas investidas dentro do contexto escolar - minha orientadora Maria Amélia.

Agradeço também à Deus por me conceder uma força de vontade muito grande para conseguir efetivar tudo o que eu tenho realizado.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.

Michel Foucault (1990)



## Resumo

Será que os novos professores formados em universidades estarão preparados para lidar com a sexualidade na sala de aula? Será que seus preconceitos e concepções acerca da sexualidade interferem na sua maneira de agir? Essas são as questões primordiais deste estudo que tem como objetivo analisar quais são essas concepções de sexualidade que trazem os futuros professores, com formação universitária, e como elas podem afetar o seu trabalho. A pesquisa é feita em dois locais: na internet; e na universidade (UNIRIO), por meio de um questionário distribuído por e-mail aos alunos que opinam em um *site* sobre Pedagogia e, também, a alunos voluntários de cada período do curso de Pedagogia da UNIRIO. Como fundamento são utilizadas as obras do filósofo Michel Foucault, analisando os jogos de saberes e poderes sobre a qual a sexualidade está atrelada e procurando compreender todo o arcabouço que envolve a sexualidade em nosso tempo e como isso interfere na prática educativa dos professores que estão prestes a ingressar, ou que ingressaram a pouco tempo, no meio educacional. Por fim, percebemos que, apesar dos preconceitos demonstrados aparentemente interferirem na prática pedagógica, muitos estudantes buscam outro caminho para lidar com a sexualidade no seu cotidiano escolar.

## SUMÁRIO

Sumário .....	p. 7
Introdução .....	p. 8
Capítulo 1 - A Sexualidade frente aos imperativos da Sociedade Ocidental: Breve contextualização.....	p. 13
Capítulo 2 – Os Professores Universitários e suas Concepções.....	p. 23
2. 1 Quem somos nós? .....	p. 23
2. 2 As Concepções Acerca da Sexualidade.....	p. 26
2.3 Tabus sobre a sexualidade e sua presença nas falas dos pesquisados.....	p. 31
Capítulo 3 – Problematização de situações escolares frente à Sexualidade.....	p. 35
Conclusão .....	p. 40
Referências Bibliográficas.....	p. 45
Anexo: Questionário .....	p. 46

## Introdução

O interesse por guiar minha monografia de Pós-Graduação em torno do tema sexualidade, tão polêmico na atualidade, se dá como forma de dar continuidade à pesquisa de Iniciação Científica da Graduação em Pedagogia (cursada nesta mesma instituição: UNIRIO), como também, prosseguir na trajetória da temática que culminou com a elaboração da monografia de final de curso intitulada *A sexualidade do escolar adolescente – entre os ditos e não ditos*.

Durante a graduação/iniciação científica sob a orientação da professora Maria Amélia Reis pude, fazendo parte de seu grupo de pesquisa, perceber o jogo de poderes e saberes que envolvem a sexualidade na nossa sociedade e, particularmente, na escola.

Isto se tornou possível, com os estudos de algumas obras do filósofo Michel Foucault e a pesquisa realizada em três escolas municipais que ofereciam um trabalho sistematizado com o tema em tela, instituídos nos chamados *núcleos de adolescentes*, que tinha como objetivo debater - junto com adolescente voluntários de 5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries - sobre drogas, sexo, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

Vivenciei esse trabalho e pude fazer críticas em relação à forma como esses debates eram veiculados, o que eles deixavam como lacunas, e como a formação dos professores responsáveis por esses núcleos interferiam na maneira de trabalhar pedagogicamente os temas.

Na verdade, percebi que a sexualidade não é apenas negada ou subtraída na nossa sociedade, como podem fazer crer os discursos dominantes, de acordo com Foucault ela se constitui em uma técnica de controle e, por isso, é preciso que se fale (em todos os espaços escola, família, igreja, televisão etc.) para conhecê-la e, nela, exercer seu poder disciplinar por meio do seu falso encobrimento.

A educação sexual, ou a sexualidade na escola, foi e continua sendo um dispositivo que pode estar incluído entre as técnicas de controle e poder que se apresenta sob várias máscaras e estratégias, entre elas a valorização da prevenção a doenças e da gravidez fora de “época”, ambas de grande apelo popular.

Nos *núcleos de adolescentes* ela ocorre pelo exaustivo tratamento biológico das questões relativas à sexualidade, como se estas fossem pertencentes apenas a esse âmbito e como se o prazer fosse inexistente.

Durante o decorrer da pesquisa apresentaram-se muitas formas de afirmação desse controle social, principalmente na concepção enfatizada, pelos professores-coordenadores desses núcleos, de que a sexualidade é algo pertencente ao campo do biológico, fato exaustivamente concretizado nas afirmativas e respostas dadas pelos alunos com relação a uma sexualidade científica e proibida socialmente.

Os professores, muitas vezes, designam o que acham que os alunos devem ou que não devem saber pela natureza do assunto em relação às condições intelectual e aprofundamento moral dos alunos, sem deixar entrever os critérios utilizados. Essas escolhas educativas no campo do currículo escolar representam, em grande monta, o que Foucault denomina de *vontade de saber*, dispositivo colocado pela sociedade que passa a estabelecer distinção entre o *licito e o ilícito*, o *certo e o errado*, o *permitido e o proibido*, o que deve ser *escondido* e o que deve ser *aparente*.

Os alunos percebem esse controle e, assim, assimilam o que devem fazer e dizer na escola, o que é mais adequado para falar e fazer escondido da escola, da sociedade e da família.

Ao mesmo tempo, apesar da valorização do tratamento biológico no tratamento do tema em questão, os professores que não têm uma formação acadêmica biológica (formados nas ciências humanas), conseguem guiar os debates de forma mais atrelada à vida cotidiana, com uma reflexão mais ampla sobre o valor de outros aspectos com relação à sexualidade, mesmo que isso não se dê de forma prioritária.

Apreendi também, ao buscar os instrumentos íntimos em que os alunos tentam fugir do controle social (falar sobre sexualidade em geral), estes em que são colocados os *não-ditos*, que os alunos querem as informações biológicas, mas não almejam só estas; eles desejam informações que não sejam distanciadas do seu contexto de vida.

Os *não-ditos* são procurados nas informações colhidas na vida e nos relacionamentos que eles têm, por isso são buscados não somente na escola, espaço, na maioria das vezes, em que não se interligam a informação biológica com a busca do outro e com a vida em si. Os instrumentos para busca dos *não-ditos* foram encontrados, principalmente nos *cadernos de perguntas*, onde se questiona e se responde sobre aspectos pessoais de cada colega (se já teve namorados, o que acha sobre “isso” ou “aquilo” etc). Enfim, como toda descoberta leva a novos questionamentos, a descoberta destes cadernos foram de suma importância ao trabalho de investigação destes *não-ditos*, fundamentais à necessidade que coloca Foucault de investigar sobre as rupturas e descontinuidades dos

discursos para, a partir daí, encontrar as pistas que envolvem os processos de subjetivação que constroem os sujeitos tal qual são.

A partir do momento que os alunos denunciam sua busca constante de mais informação e que os professores ficam limitados a tratar de certos aspectos “permitidos”, surgiu uma pergunta que se tornou primordial para este estudo:

- *Será que os novos professores formados em uma universidade estarão preparados para lidar com a sexualidade na sala de aula? Será que seus preconceitos e concepções acerca da sexualidade interferem em seu pensar/agir pedagógico?*

De acordo com Foucault o nosso tempo demonstra uma modificação no pensamento da sociedade, onde tudo que diz respeito às questões sexuais se torna um segredo guardado à sete chaves. Falar sobre a sexualidade se torna um ato de grosseria freqüentemente exercido, porém esse “falar” ainda se encontra distanciado da escola.

As crianças, apesar da abertura que a informatização e a mídia estão exercendo em relação à sexualidade, ainda estão envolvidas em um sigilo maior ainda, onde as explicações sobre a sexualidade se transformam em mitos, transmitidos pelos adultos para esconder as “obscenidades”.

Todavia, a cultura cibernética amplia a visão do sexo pelas imagens, pela ideologia dominante. O controle, dessa forma, continua, mesmo que o sexo esteja atualmente em maior evidência.

Ao mesmo tempo em que há esse sigilo sobre a sexualidade, ela foi esmiuçada em cada *existência*, tornou-se a chave da individualidade, a maneira de conhecer sobre cada um e controlá-lo. Dessa forma, a sexualidade passa a se mostrar em toda parte, e a ser controlada em cada ato do ser humano. A esse controle, essa dimensificação do sexo, Foucault denomina *vontade do saber*.

Podemos verificar isso, principalmente na televisão que veicula a exaltação da virgindade e, ao mesmo tempo, transmite sem pudores cenas de sexo (que só faltam ser explícitas).

Nesse contexto de ambigüidades, de exaltação e sigilo sobre o sexo, e em um tempo de liberação sexual, onde falar sobre o sexo (mesmo que isso seja “vedado”) se torna cada vez mais constante, em letras de músicas, em novelas, em *reality shows*... e que alguns tabus se colocam em evidência, é necessário saber como isso se reflete no professor estudante universitário, já que este será o formador das nossas novas juventudes.

Um professor que passou pelas mesmas angústias, proibições e liberações que provavelmente passam seus alunos, e que idealizou concepções e posições em relação à sexualidade que podem interferir na sua atuação em sala de aula. Professores que, na maioria das vezes, não refletem sobre como as suas concepções sobre a sexualidade podem refletir na sua maneira de agir com seus alunos, pois esta reflexão não faz parte do processo de aprendizagem e, quando faz, não é suficiente frente a toda a complexidade que envolve o tema.

Este trabalho vem, pois, analisar quais são essas concepções de sexualidade que trazem os futuros professores e como elas podem afetar o seu trabalho.

Como este é um assunto que envolve tantos preconceitos e tabus a captação de dados desta pesquisa se dá a partir de dois locais: a) aquele que possa favorecer o sigilo absoluto e, mesmo uma abertura maior para que estes estudantes possam demonstrar sua opinião sem medo de suas opiniões serem reprimidas: a *internet*, b) um outro, apropriado à constituição do saber formal desse estudantes/professores: a universidade, no caso dessa pesquisa mais especificamente a UNIRIO.

Os dados foram colhidos através de um questionário enviado para estudantes de educação em que opinaram em um *site* voltado à Pedagogia e à Educação, o site Pedagogia e etc [www.terravista.pt/meco/4625](http://www.terravista.pt/meco/4625), e um outro, distribuído para estudantes do curso de Pedagogia da UNIRIO (5 estudantes de cada período, sendo que os oito períodos pesquisados têm em média 35 alunos).

Este questionário contém questões que buscam conhecer um pouco do estudante (como o porquê do seu interesse no curso), um pouco de sua história de vida, suas concepções acerca da sexualidade e seus tabus (questionário em anexo).

O fundamento deste trabalho são os estudos e obras de Michel Foucault, naquilo em que este autor discute os jogos de saberes e poderes sobre a qual a sexualidade está atrelada. Procuo também entender como o autor elabora sua teoria sobre a subjetividade nos livros “Vigiar e Punir”, “História da Sexualidade” entre outros, procurando compreender todo o arcabouço que envolve a sexualidade em nosso tempo e como isso interfere na prática educativa dos professores que estão prestes a ingressar, ou que ingressaram a pouco tempo, no meio educacional.

Para melhor compreender os estudos de Foucault e articulá-los à pesquisa, utilizei textos originais do autor e de outros que interpetram suas obras, tendo em vista que os trabalhos deste autor são muito complexos e precisam de uma base maior de reflexões e

entendimentos sobre os conceitos por ele abordados. Nesse sentido faço uso, ainda, de muitos trabalhos e pesquisas de minha orientadora e textos lidos durante a iniciação científica sob sua orientação.

Tomando por base, os trabalhos de pesquisa sobre o saber docente e sua construção, e da feminização do trabalho docente, tento compreender alguns caminhos que levam o professor a silenciar sobre o sexo em seu trabalho escolar, bem como, freqüentemente se omitir no debate político sobre o tema.

## Capítulo 1 - A Sexualidade frente aos imperativos da Sociedade Ocidental:

### Breve contextualização

É necessário deixar claro: não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Michel Foucault<sup>1</sup>

Neste capítulo faço uma breve exposição do pensamento de Michel Foucault nas análises que elabora sobre o dispositivo da sexualidade a partir da formação da sociedade moderna e da sociedade grega. Este filósofo vai indicar a forma e o conteúdo (os “comos” e os “porquês”) de como o sexual é cobrado e veiculado na sociedade contemporânea. Esta sociedade é por ele percebida sob um outro ângulo, uma outra perspectiva que traz como hipótese a restrição ao conceito de repressão e da proibição do sexo e da sexualidade. Esta é uma hipótese que está centralizada em todo sistema capitalista ocidental entrelaçando técnicas de poder e de saberes indispensáveis para controlar e lucrar a partir das experiências e vivências cotidianas da população.

Historicamente, com a ascensão da burguesia, a partir da Revolução Francesa (século XVIII), começou a acontecer uma forte distinção entre o que pertencia à esfera do público e aquilo que se referia à esfera do privado na vida das pessoas. Essa distinção era necessária para que os burgueses pudessem deter o capital e o poder, pois, a partir desse momento, era preciso justificar a posse dos bens e o poder que, essa posse/propriedade, oferecia a seus detentores.

Com essa distinção, uma divisão dos papéis sociais sexuais foi efetuada: ao homem, por ser considerado forte e intelectual, foi destinada a esfera pública; e às mulheres a esfera doméstica/privada, tendo por base sua fragilidade definida por possuir um útero capaz de determinar um comportamento emocional e moral, isto é, sua anatomia e fisiologia legitimavam seu lugar social. Por outro lado, a sensibilidade reputada à mulher era fator primordial para que ela continuasse a reger o ambiente privado, ambiente mais seguro à esses seres frágeis e à própria família em si.

---

<sup>1</sup> FOUCAULT. História da Sexualidade I- a vontade de saber, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1990, p.17.



A garantia de segurança fazia deste um local ideal à moral e à valorização da família e da educação, ou seja, existiria uma “essência” própria da mulher que lhe daria melhores possibilidades de atuação no âmbito privado.

Nesse contexto, era necessário que a família estivesse preservada, ou melhor, que não houvesse nada que interferisse na segurança familiar, pois o sexo recluso à intimidade dos quartos deveria se reduzir a sua função reprodutora pelo perigo que representava à boa ordem social, com base nesta concepção a fidelidade se tornou um dos elos fundamentais dessa segurança familiar almejada.

O sexo que antes era tido como algo natural, discutido em várias esferas, inclusive na frente de crianças, passa a ser dispositivo de dominação, controle e disciplinação.

O modelo e a necessidade do sexo “correto/fiel/reprodutor” passa a recusar e negar as outras formas de sexualidade. Entretanto o sexo abandonado, expulso e tido como “sujo”, passa a fazer parte de um mundo a parte, um mundo que visa o lucro e a sigilosidade (prostituição e outras formas de exercício do sexual denominadas sob o signo das “perversões”).

A justificativa para a negação do sexo atrelado ao prazer seria de que as forças necessárias para ao trabalho produtivo capitalista, as forças necessárias ao lucro da sociedade capitalista, não poderiam ser desperdiçadas com o prazer que o sexo produzia nos sujeitos e que lhes conferia um sentimento de liberdade.

Contudo, Michel Foucault contesta esta hipótese denominada por ele de repressiva, afirmando que a idéia da repressão serve bem aos objetivos da sociedade burguesa/capitalista, não obstante a disciplinação do corpo e do sexo passe mais pela difusão e aceitação.

Esta hipótese traz algumas conseqüências sociais: o simples fato de falar sobre o sexo ganha um ar de transgressão e, a partir daí, a transgressão passa a se vincular ao prazer. Ou seja, a liberação sexual seria um tempo em que tudo seria bom, permitido e livre, sendo a liberdade algo que é almejado por todos, tornada visível e possível, embora esteja instaurada sob o signo do medo e da renúncia.

O sexo passa a ter um valor comercial, passa a se vincular ao lucro. Por exemplo, se este é proibido, o que se fala sobre ele tem seu valor ampliado; quem tem legitimidade para ouvir o que os outros têm a falar sobre sua vida sexual (já que estes não podem falar a qualquer pessoa sobre ela) passa a receber para fazê-lo. Além do próprio comércio “sigiloso” que envolve o “sexo proibido”, exercido nas margens da sociedade.

A repressão da sexualidade acompanhada da necessidade de um discurso da necessidade de se dizer a verdade sobre o sexo, torna é necessário que se fale sobre o sexo para ser analisado e para obter o perdão (que pode acontecer ou não). Quem esconde seus “erros” em relação à sexualidade, vive obstinado por eles.

A questão básica não é por que somos reprimidos, mas por que dizemos contra nosso presente e contra nós mesmos que somos reprimidos? Será que a repressão sexual é mesmo uma evidência histórica, como tanto se afirma por aí? Será que os meios de que se utiliza o poder serão mesmo repressivos? Será que o sexo ser exibido como segredo, que é indispensável desencavar, é uma estratégia de incitar a falar sobre ele?

Foucault não contesta que o sexo vem sendo reprimido; afirma, sim, que essa interdição não é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se pode escrever a história do sexo a partir da Idade Moderna.

A hipótese repressiva aloca-se numa economia geral dos discursos sobre sexo. Todos esses elementos ligados ao sexo (proibição, repressão etc.) têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber.

Em contraponto à visão coercitiva/repressiva, Foucault demonstra que a sociedade quer normatizar e controlar a sexualidade, no entanto não faz isso a partir da repressão, mas a partir do dispositivo saber/poder que controla o conhecer para melhor controlar o sujeito. É a partir dessa ótica, que a sociedade incentiva o falar sobre a sexualidade para conhecer e controlar<sup>2</sup> - Foucault denomina a isso de vontade de saber.

A vontade de saber, para Foucault, está presente nessa sociedade que transforma a sexualidade em dispositivo do poder que se localiza nos pontos de resistência no corpo e nos prazeres, que se vêm sem meios para lutar contra esse poder. A sociedade burguesa acompanha todo um discurso para se dizer uma verdade sobre o sexo, uma verdade dita no seu silêncio, no detalhamento de algo não dito.

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a Pedagogia(...)<sup>3</sup>

Todo um discurso de verdade sobre o sexo é buscado e apoiado nas instituições, o que não é institucionalizado é excluído, pois somente este é aceito como verdadeiro e tido

<sup>2</sup> ibidem. *Vigiar e Punir*. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996. p.17

como exemplo para atuações dos indivíduos. Mas efetivamente o que se fala sobre o sexo é esmiuçado e analisado pela sociedade para controle da população, mesmo que esse discurso não seja o “verdadeiro”, divulgado e esperado.

Nessa perspectiva, o autor de *História da Sexualidade* questiona se a aceitação de que a sociedade seria repressora não é o que faz com que nós a controlemos. Falar que o sexo não é reprimido iria de encontro a todos os interesses discursivos que sustentam a sociedade, interesses estes, que possibilitam aos indivíduos se transformarem em “massa de manobra” dos “donos do poder”, questão que se constitui em um dos principais determinantes do assujeitamento na sociedade capitalista em que vivemos.<sup>4</sup>

Foucault analisa como as tecnologias sociais se configuram enquanto tecnologias de poder, principalmente em relação ao corpo - algo analisável e manipulável pelo poder. Sua arqueologia nos mostra que para esse poder ser exercido se constituem vários mecanismos como, por exemplo, o de punição e o olhar panóptico<sup>5</sup>. A esses mecanismos Foucault denomina de dispositivos de poder que pode ser explicado por

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo.<sup>6</sup>

O *dito* perpassa pelas práticas discursivas presenciadas na sociedade, os enunciados científicos e proposições filosóficas. Já o *não dito*, representa as práticas não discursivas materializadas nas instituições, tais como leis, técnicas... silenciosas, mas declaradas.

O poder não é central nem estatal, existem outros poderes e outros saberes, institucionais, pessoais, em toda a sociedade. A detenção do saber está atrelada ao exercício do poder sobre quem não detém o saber (quem obtém o poder da fala, do discurso, por exemplo) e esse fato tem caráter normalizador sobre o indivíduo e a sociedade.

O poder está materializado na sociedade, ele faz parte de cada um de nós e também pode se materializar como resistência. *O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares*<sup>7</sup> O poder sobre a sexualidade se

<sup>4</sup> ibidem. op cit, 1990.

<sup>5</sup> Uma vigilância que dispensa a presença de alguém para vigiar, o poder faz com que o indivíduo faça coisas sem sentir, que se auto-controle.

<sup>6</sup> Ibidem. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal 1992. p.244.

<sup>7</sup> ibidem. 1990, p. 89

manifesta em todos; ele não se manifesta só nas autoridades reconhecidas (como padres, governadores, legisladores), mas em cada família, em cada grupo social, e isso se dá pelo autocontrole e pelas punições que são impostas caso não sejam seguidas as normas da sociedade.

Como argumenta Reis<sup>8</sup> a vontade de saber sobre a sexualidade se torna peça fundamental de controle disciplinar do corpo e da população; como uma das peças fundamentais da vontade de saber aparece a escola, que acaba cumprindo o ritual do exercício de técnicas sociais que se configuram como tecnologias de poder, manipulando o corpo humano através de todo um aparato disciplinar e impondo-lhe docilidade e utilidade, liberar para controlar. *A coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é o exercício.*<sup>9</sup>

De acordo com Foucault, a partir do século XVIII, há uma proliferação de discursos sobre sexo, constituindo uma técnica do poder vigente que incita a propagação de discursos, através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico, para que se possa controlar o indivíduo e a população. Nessa perspectiva, se torna primordial o controle populacional, o controle de doenças, o controle da família, pois um possível descontrole ocasionaria muito dispêndio ao poder.

Com todo o desenvolvimento de uma rede de discursos sobre o sexo, houve o incremento de uma adequação do vocabulário sobre sexo, de forma que se distinguisse um vocabulário autorizado e outro tido como chulo/impróprio, e de um ajustamento aos lugares onde pode-se falar sobre ele e a forma como se pode falar em cada lugar. Dessa maneira, o silêncio sobre o sexo deveria se concretizar nas relações familiares (principalmente as que envolviam crianças); na escola; com as pessoas que não seriam íntimas ou legitimadas para tal.

O sexo colocado em discurso não foi restringido, mas incitado, a vontade de saber passa a se constituir uma ciência da sexualidade e de seus comportamentos. Ao invés de reprimir o sexual, exaltam-se os discursos sobre ele, discursos com metáforas e com locais próprios e impróprios para se propagar.

Como forma de incitar os discursos sobre o sexo, uma instituição se faz presente de maneira prioritária: a Igreja Católica com a sua obrigatoriedade de confissão. Já que todo “pecado da carne”, deveria ser contado ao padre (mesmo que este fosse em pensamento),

---

<sup>8</sup> REIS. A Sexualidade e os Escolares da Educação Fundamental: Entre a Vontade de Saber e o Cuidado de Si. ANPED: 2000.

<sup>9</sup> FOUCAULT. op cit, 1987, p. 126

qualquer desejo deveria ser confessado, para que tal discurso e suas consecutivas ações pudessem ser controlados. O bom cristão deve procurar fazer de todo o seu desejo um discurso. Essa seria uma maneira de tornar o discurso sobre sexo moralmente aceitável e tecnicamente útil.

Porém a Igreja, apesar de ser um dos primeiros locais de incitação do discurso sobre o sexo, não se tornou o único *locus* desse discurso. Houve uma explosão de discursos sobre sexo na: medicina, psiquiatria, justiça penal, demografia, crítica política que também passam a se preocupar com o sexo. Analisa-se, contabiliza-se, classifica-se, especifica-se a prática sexual, através de pesquisas quantitativas ou causais.

Esses discursos, apesar de serem moralistas, revelam a necessidade reconhecida de superar esse moralismo. Deve-se falar sobre o sexo para inseri-lo em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo; assim, o sexo passa a ser administrado e regulado não somente pela proibição, mas por meio de discursos úteis e públicos, visando fortalecer e aumentar a potência do Estado (tomado não só como o poder, mas também cada um dos membros que o compõe).

Por exemplo, a condenação do sexo extraconjugal se dá não por este ser imoral, mas porque sua consequência poderia gerar um filho não desejado, sem família, que ficaria sobre a responsabilidade do Estado. O descontrole em relação ao sexo não seria condenado por ser contra a "lei de Deus", mas porque poderia gerar epidemias que custariam muito aos cofres do poder.

Todas as relações sexuais passaram a ser alvo do poder, pois o controle destas poderia significar um melhor futuro para a sociedade. Tudo passa a ser controlado e regulado (até mesmo por leis), a taxa de natalidade, a idade do casamento, a proibição do sexo extraconjugal, a proibição das relações sexuais incestuosas, a necessidade de um controle do sexo antes do casamento, a necessidade de especificar uma idade permitida para o sexo (antes dessa idade ele é considerado até mesmo estupro presumido na nossa lei) etc. O aumento dos discursos sobre sexo pode, então, ter visado produzir uma sexualidade economicamente útil.

O sexo passou a chamar a atenção em todas as esferas. Na educação ele passa a ser controlado, toda manifestação de prazer e descoberta passa a ser negada à criança. A psicologia estabelece o conjunto das perversões sexuais, são assinalados os perigos e despertam-se as atenções em torno do sexo.

A família e a escola têm o papel de fixar a sexualidade e, fazer dela seu suporte de permanência, um exemplo de sexualidade, despertando a atenção para o sexo e, ao mesmo tempo, impedindo-o e atrelando-o ao perigo.

A partir dessa vigília constante e a tentativa de reprimir essas sexualidades periféricas, em que se relacionam o prazer e o poder, estes se reforçam. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue - poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir.

Um novo prazer surge: o de contar e o de ouvir.

A confissão e sua obrigatoriedade se torna tão difundida que torna-se incorporada e despercebida por todos, ela não é mais entendida como um poder de coação, mas como algo inerente à nossa sociedade. Em todas as partes ela está presente no consultório médico ou psicológico, na Igreja, na família, perante a justiça e os órgãos de controle da lei, na própria autobiografia. Dizer a verdade, e toda a verdade, se justifica porque a conduta sexual é capaz de provocar as conseqüências mais variadas. O sexo é compreendido como aquele que pode provocar as mais variadas doenças (não só as físicas, mas também as sociais e mentais). Por isso, a verdade é tida como cura quando dita a à tempo e a à quem é legitimado para ouvir.

Destaca Michel Foucault a respeito da sexualidade humana, que a mesma tem que ser encarada como resultado do encadeamento da estimulação dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências. Dessa forma, a sociedade constrói a sexualidade e assim os dispositivos de poder e a incitação ao discurso sobre ela.

Porém, na sua obra *O uso dos prazeres*<sup>10</sup>, Foucault demonstra que a Igreja Católica, e a moral pregada por Santo Agostinho a respeito da sexualidade, não foram criadas pelos primeiros padres. Elas se desenvolveram a partir do pensamento grego e foram incorporados por seus ideólogos.

No entanto, na Grécia Clássica o amor compreendia não só as relações entre sexo opostos, mas uma relação que abarcava a temperança, não importando que esta seja heterossexual. O amor pelos rapazes (homossexualismo) era admitido, até mesmo, como o verdadeiro amor, entre um homem mais velho e um jovem rapaz. Essa verdadeira paixão era atrelada a um caráter pedagógico de preparação do rapaz para o exercício da cidadania, reforçando a virilidade e o seu papel de homem.

<sup>10</sup> FOUCAULT. *História da Sexualidade 2- O uso dos Prazeres*. 7ª. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1994.

O amor pelas mulheres era atrelado ao cuidado com a descendência, à definição de regras familiares e à fixação da temperança exigida. Já o amor pelos rapazes se desligava dessas preocupações, tomava assim a forma mais perfeita e bela (não esquecendo, nesse momento, que os gregos valorizavam o belo e que o homem era símbolo da perfeição, beleza e saber, tanto quanto a mulher bela e virtuosa), uma relação vinculada à real afeição, ao cuidado com o outro e a independência entre um e outro.

O amor pelos rapazes era transitório, pois quando o rapaz se tornava um homem (tanto fisicamente como preparado para exercer sua cidadania) os amantes tinham que se distanciar.

O bissexualismo era aceito e não era tido como traição para com a mulher, a traição e o adultério eram cometidos somente pela mulher casada e pelo homem que tivesse relações com mulher solteira. Essa aceitabilidade do bissexualismo se dava porque a natureza do amor pelas mulheres e a natureza do amor pelos rapazes era diferente, a moral era diferente para esses dois tipos de amores.

Todavia, o amor pelos rapazes, de acordo com Platão e outros, deveria se libertar das dimensões físicas, para que o verdadeiro amor fosse edificado sobre os elementos constitutivos da amizade, os contatos atrapalhariam esse verdadeiro amor da alma. Mas mesmo com essa indicação o amor pelos rapazes não se vê liberto da ética dos prazeres, continua a se relacionar a ela.

Reis, em sua tese de doutoramento<sup>11</sup>, com base nos escritos de Foucault, indica que os gregos tinham o comportamento sexual, em geral, como uma arte que deveria ter base em três fundamentos:

- a *Dietética* como forma de temperança e uso comedido dos *aphrodisia* (prazeres), e o cuidado com a sobrevivência do indivíduo e manutenção da espécie;
- a *Econômica* que tinha forma de temperança e dizia respeito à legitimidade da esposa no casamento, ao poder exercido sobre ela, à organização da casa, visando a manutenção do homem livre dos excessos;
- a *Erótica* que impõe não a abstinência, mas o ideal de renúncia à relação física no amor pelos rapazes como respeito à virilidade do adolescente, ao domínio de si próprio e ao amor verdadeiro que se tem por ele.

<sup>11</sup> \_\_\_\_\_, (Re) Invenção da Escola Pública: Sexualidade e Formação da Jovem Professora. Universidade Federal Fluminense – UFF. Tese de Doutorado: 2002.

Foucault aponta que é na reflexão sobre o amor pelos rapazes que se elabora o princípio da abstinência indefinida a partir do ideal de renúncia. A renúncia de que prega Platão, que era uma forma de valorizar este amor, teria suscitado a interdição do amor pelos rapazes na ética cristã, e os fundamentos do comportamento sexual grego teriam sido fonte para a formatação de nossa moral sexual atual, no que tange o prazer como dimensão dos perigos do mal, da fidelidade monogâmica, a exclusividade da heterossexualidade (como interpretação equivocada da renúncia), a virgindade, o casamento, entre outras.

Nos séculos XVII e XVIII, a sexualidade é esmiuçada, ou seja, a criança passa a ter sua sexualidade negada, se formam os discursos médicos sobre a sexualidade que passam a confirmar os preceitos morais acerca da sexualidade, a educação e família passam a ter papel fundamental em determinar as ações acerca da sexualidade, baseada nesses preceitos médicos e religiosos.

Essas técnicas se inserem dentro da escola 'sorratamente' até predominarem e controlarem o pensamento de todo o corpo escolar e, principalmente, de alunos e professores que passam a agir de acordo com as regras pré-determinadas. Daí aparece o abismo entre o que os alunos querem saber e o que eles têm efetivamente contato na escola, as técnicas não deixam que as perguntas que eles querem saber venham a tona, pois por causa do medo da punição eles perguntam somente o permitido e esperado.

Da mesma forma os professores pensam que estão tratando a sexualidade da maneira com que esta deve ser tratada: com discussão; porém muitas vezes não fazem isso de maneira aberta, pois sempre há alguma punição ou não permissão em torno do tema. Eles fingem que falam tudo sobre o tema e os alunos fingem que não têm dúvidas ou que, pelo menos, só apresentam as dúvidas que são esperadas pelos professores.

Enfim, estamos em uma época em que vários autores mencionam uma crise dos paradigmas, uma época que vivenciamos uma escola que já não consegue ser o local maior de detenção do saber, pois a mídia, a tecnologia e a própria vida, abordam esse saber de maneira bem mais ampla.

Nesse tempo em que o saber se transmite por um fio de telefone conectado ao mundo, ou mesmo por uma antena de televisão, a criança da atualidade já não precisa mais de revistas escondidas ou mesmos papos cochichados sobre o sexo, só é preciso apertar um botão para saber de "tudo". E esse "tudo" corresponde a tudo mesmo, coisas que nós, com certeza, não sabíamos na idade delas e que nos vemos estarecidos diante da possibilidade de ter que explicar isso para uma criança.



É diante dessas circunstâncias que a sexualidade atual se aflora, e que invade as cadeiras e pátio escolares sem pedir nenhuma licença aos professores, que se vêem muitas vezes perdidos diante de tanta informação que crianças de pouca idade trazem. Algumas perguntas ecoam, então, pelo corpo docente: “aonde esse mundo vai para?”, “o que faço agora diante de tal atitude?”, “os pais não dão mais limites?”, “será que tem que voltar a censura para que a moral e a disciplina voltem?”.

Enfim, são perguntas que demonstram como o nosso mundo está dando lugar para que a informação circule, informação e saberes sobre o sexo cada vez mais discutidos e cada vez mais vinculados ao mundo do consumo e às imposições da biologia.

Isso pode representar uma crise de paradigma?

Talvez.

Mas o que isso interfere na trajetória das atividades escolares é o que vai interessar neste trabalho. Principalmente no que concerne o mundo do novo professor que, por força da nova lei de diretrizes e bases da educação (lei 9394/96), terá que ter formação superior<sup>12</sup>, e que possivelmente terá mais espaço/tempo para refletir sobre sua atuação.

Um professor novo, em idade e de formação que, por sua jovialidade, passou recentemente por muitas das “restrições” e aberturas em torno da sua sexualidade, assim como também o passaram, seus alunos.

---

<sup>12</sup> Não sabemos ainda como isso será feito, nem quando realmente isso será efetuado, mas o que importa aqui é que a nova lei já menciona o nível superior como formação preferencial e como a única formação aceita a partir de 2006.

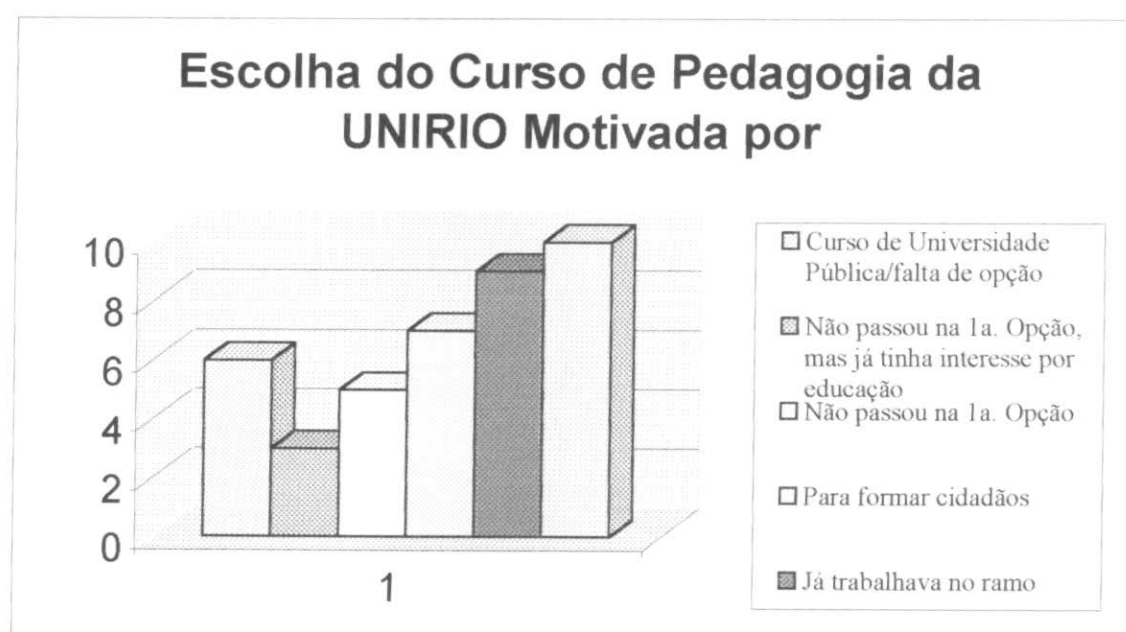
## Capítulo 2 – Os Professores Universitários e suas Concepções

### 2. 1 Quem Somos Nós?

Para que as concepções dos universitários pesquisados fossem apresentadas, neste primeiro momento, existe a necessidade de uma pequena explicação de quem são os alunos que responderam ao questionário<sup>13</sup> objeto dessa monografia.

Primeiramente, os 40 alunos pesquisados pelo questionário na UNIRIO foram selecionados ao acaso dentre os voluntários em cada período escolar, de maneira com que fossem respondidos 5 questionários por período. Esta amostra foi selecionada de forma a considerar a opinião de mais de 10% do curso (que tem APROXIMADAMENTE 360 alunos<sup>14</sup>).

Estes alunos demonstraram, em suas respostas, serem alunos que muitas das vezes já trabalham no ramo ou têm algum tipo de ligação, até mesmo afetuosos, com a educação. Mesmo assim, muitos confirmam que esta não foi sua primeira opção no vestibular ou, mesmo, que não tinham opção definida, ou seja, que fizeram vestibular para Pedagogia, mas nem sabiam em que consistia o curso de Pedagogia.



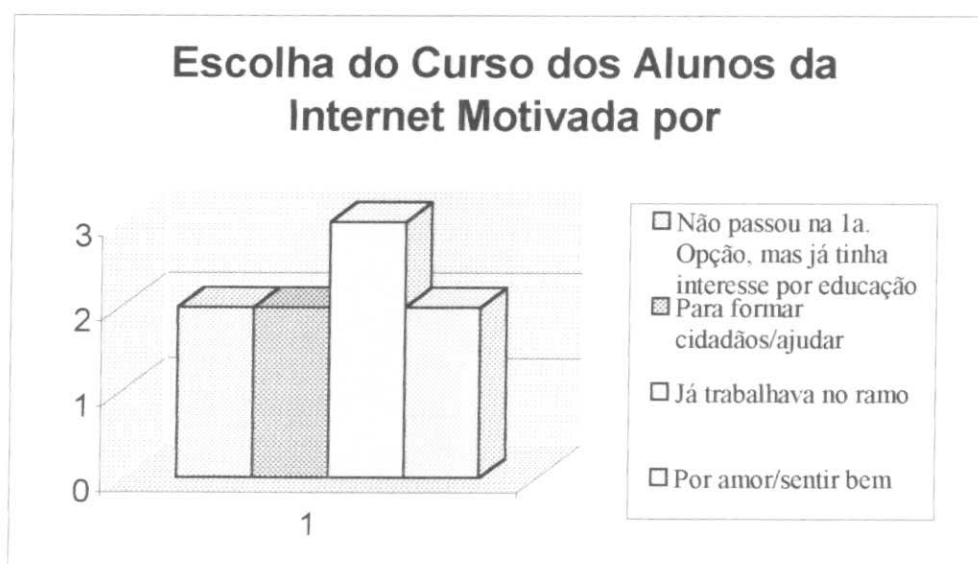
<sup>13</sup> Em anexo.

<sup>14</sup> Fonte: Escola de Educação Unirio

Das amostras, apenas 3 alunos pertenciam ao gênero masculino, o que nos demonstra a grande procura do curso de Pedagogia pelo público feminino, o que podemos confirmar ao dar uma rápida olhada pelas salas de aula de Pedagogia da Universidade. E apenas 3 alunas se situavam fora da faixa de 19 a 23 anos, e mesmo assim não muito distante desta (27, 28 e 29 anos), esse fato nos mostra que os pesquisados são realmente parte da juventude, categoria da população considerada pelo IBGE como situada entre os 15 e 24 anos.

O questionário foi enviado por meio de e-mail para 40 estudantes visitantes e participantes de discussões do site Pedagogia e etc<sup>15</sup>. Sendo que 9 responderam ao questionário.

Nessa amostra os pesquisados também demonstram que o curso da Pedagogia é procurado por pessoas que não sabem o que escolher no curso universitário. Entretanto, ainda percebemos que predomina a escolha por quem já trabalhava no ramo da educação. Um ponto importante é que a palavra amor, gostar e sentir bem são palavras muito utilizadas ao demonstrar seu sentimento em relação à escolha do seu curso.



Mais uma “coincidência” que encontramos na utilização da Internet é o fato de apenas um dos questionários serem respondidos por uma pessoa do sexo masculino; na verdade sabemos que não é uma coincidência, pois o curso de Pedagogia é um curso que tem seus quadros de estudantes uma maioria esmagadora de mulheres, assim como a profissão da professora em geral, desde a sociedade econômica-industrial em seus avanços em direção a uma sociedade do conhecimento que se pauta pelo intenso desenvolvimento científico e tecnológico (onde se que inclui a família, a igreja, a escola e outras instituições) induzir à

<sup>15</sup> [www.terraviva.pt/meco/4625](http://www.terraviva.pt/meco/4625)

“feminização”<sup>16</sup> e “feminilização”<sup>17</sup> da profissão do “professor” a partir de mecanismos que propiciam aos(as) professoras(es) a incorporação de tal “indução” em suas vidas e escolhas.

Historicamente se atribui socialmente esta profissão a uma questão de gênero, desde a Revolução Francesa, com a ascensão da burguesia, em que a mulher é chamada a assumir o seu “papel social” na educação dos filhos. Para a seguir, legitimando a desqualificação e desvalorização através do discurso da falsa igualdade (posteriormente das crianças) substituir suas qualidades profissionais pelo dom de um comportamento emocional e moral inadequado às funções de caráter mais público e colocá-las de volta ao âmbito à esfera privada pelo simples fato de ter nascido mulher e poder gerar a vida (ARCE, 2001). Questão que não aprofundarei nesta monografia.

A maioria dos estudantes (2/3) da internet está na faixa de 19 a 23 anos e a outra parte um pouco mais afastada em relação à idade, com 30, 40 e 44 anos. Isso só comprova o fato de realmente os estudantes universitários de Pedagogia (e até de outros cursos) serem a juventude da nossa escola.

Um dado que deve ser citado é o fato dos estudantes pesquisados por meio da Internet serem a maioria da região Sudeste do Brasil, assim como os estudantes pesquisados na Universidade UNIRIO, pois apenas um aluno morava na região nordeste (Bahia).

---

<sup>16</sup> Este termo se refere à expansão da mão-de-obra feminina em escolas, nos sistemas educacionais, na frequência à Escola Normal e a traços culturais que favoreceram o exercício do magistério pelas mulheres. Para maiores detalhes consultar Almeida, 1998, p. 64.

<sup>17</sup> Feminilização identifica a relação que se faz entre a natureza feminina e a prática docente no ensino primário (Tambara, 1998, p. 49), num movimento de colagem das características feminis, próprias do sexo feminino, ao magistério.

## 2.2 As Concepções Acerca da Sexualidade

Teríamos muita dificuldade em encontrar nos gregos (como aliás nos latinos) uma noção semelhante à de “sexualidade” e à de “carne”. Quero dizer: uma noção que se refira a uma entidade única e que permita agrupar, como sendo da mesma natureza, derivando de uma mesma origem ou fazendo intervir o mesmo tipo de causalidade, fenômenos diversos e aparentemente afastados uns dos outros: comportamentos como também sensações, imagens, desejos, instintos e paixões. (...) Nossa idéia de “sexualidade” não apenas cobre um campo muito mais amplo, como visa também uma realidade de outro tipo; e possui, em nossa moral e em nosso saber, funções inteiramente diversas<sup>18</sup>.

O termo “sexualidade” não existia para os gregos da maneira com que conhecemos hoje, uma maneira ampla que aborda várias concepções e que pode simbolizar várias sensações e atitudes.

Sexualidade, de acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, significa *qualidade do que é sexual; conjunto dos caracteres especiais do que tem sexo; instinto sexual. E sexual é referente ao sexo; que o caracteriza; que tem sexo.*

Se sexualidade for só isso, os estudantes chegaram perto em suas concepções acerca do que é sexualidade, pois tanto nos questionários aplicados na Universidade quanto os questionários aplicados na internet, as respostas voltaram-se em torno da descoberta do sexo, do corpo, do interesse sexual de cada um. Mais da metade das respostas, nos dois campos de aplicação, foram parecidas como as seguintes:

É quando uma pessoa desperta por si só o interesse sexual... (Aluna da UNIRIO)

Envolve a opção sexual; o sexo em si; atitudes de pessoas que lembrem sexo (como tocar-se)... (Aluna da internet)

O modo de sentir o sexo na forma particular de cada indivíduo... (Aluno da UNIRIO)

O conjunto de manifestações sexuais de cada pessoa. Muito importante para a vida carnal... (Aluna da UNIRIO)

É a relação do homem com seu corpo e com o corpo do outro... (Aluna da UNIRIO)

Características sexuais de cada gênero. (Aluna da UNIRIO)

<sup>18</sup> FOUCAULT, M. História da Sexualidade 2- O uso dos Prazeres. 7ª. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1994, p. 35 e 36.

A palavra **descoberta** também sobressai em muitas das explicações como descoberta do seu corpo e das sensações que este pode lhe proporcionar, como por exemplo a explicação de que *sexualidade é o descobrimento dos órgãos genitais e os desejos relacionados a eles* (Aluna da UNIRIO).

Outra palavra que é muito associada à sexualidade e ao sexo, já há muito tempo, é o **amor**, e ela continua se demonstrando em várias respostas dos estudantes pesquisados. Uma resposta, do que é sexualidade, foi a mais concisa, mas nem por isso pouco representativa: *É sexo; é amor.* (Aluna da UNIRIO) Ora, será que sexualidade é só o sexo feito com amor? Nos parece que a nossa estudante quer dizer isso com sua resposta.

Uma resposta também muito repetida é a de que a sexualidade é algo inerente a ser humano, algo natural, algo que convivemos a vida toda:

Algo que é mais uma etapa na vida das pessoas... (Aluna da internet)

Algo que faz parte da natureza de todos os seres que habitam o planeta. (Aluna da UNIRIO)

A sexualidade está presente na vida do indivíduo desde seus primeiros anos de vida até os últimos anos... (Aluno da UNIRIO)

Algo que deve, mas ainda não, ser tratado de forma natural já que faz parte da vida de todas as pessoas e tem grande peso nas mesmas. (Aluna da UNIRIO)

Uma coisa que chama a atenção e confirma que esse tema ainda continua cheio de mistérios e proibições, é a utilização de metáforas para tratar em relação a ele, por exemplo a explicação de que: *a sexualidade é uma flor que é plantada, regada e que aos poucos vai desabrochando.* (Aluna da UNIRIO). Falar sobre a sexualidade é tão difícil que as metáforas se fazem necessárias, desde a antiguidade um pudor envolve as questões sexuais.

Pudor? Talvez: pois embora se possa muito bem atribuir aos gregos, uma grande liberdade de costumes, contudo a representação dos atos sexuais que eles mostram em obras escritas – e mesmo na literatura erótica – parece ser marcada por uma grande reserva (...)<sup>19</sup>

A questão social aparece em uma das respostas de forma a diferenciar a sexualidade em cada sociedade: *É a relação e o tratamento que o ser humano apresenta para os aspectos primariamente instintivos do sexo, com diferentes significados e valores, segundo*

<sup>19</sup> Ibidem, p. 39.

*cada cultura ou crença (Aluno da internet). Ou seja, esta resposta admite que não há somente um tipo de sexualidade, mas que ela varia com a cultura.*

Três outras respostas consideram a sexualidade como algo mais amplo:

*É algo ligado ao sentimento, não só ao instinto, ao corpo, à imagem. Não está ligado só ao sexo, mas à conquista, à aceitação, ao carinho, à personalidade... (Aluna da UNIRIO)*

*Sexualidade é reprodução, informação, vida, troca, mudanças, contatos, observação, fala. São os questionamentos que acontecem desde a gravidez (vida intra-uterina) até a idade madura. (Aluna da UNIRIO)*

*Comportamentos, instintos, posturas e atitudes relativas ao sexo e/ou relacionamentos afetivos em geral. (Aluna da UNIRIO)*

Todavia estas respostas são poucas, a ligação que os estudantes fazem entre sexualidade e sexo/corpo é muito maior. A ligação da sexualidade com conversas, atitudes, contatos com as pessoas se faz presente de modo tão menor que chegamos a pensar que essas relações não são tidas como sexualidade pela maioria dos pesquisados.

Diante da sexualidade atual os estudantes se vêem diante de uma sociedade que vem exacerbando a sexualidade e, dessa forma, estes estudantes oferecem algumas críticas quando lhe é perguntada sua opinião em relação à maneira com que a sociedade brasileira tem visto e demonstrado a sexualidade.

O exagero, a exposição em demasia, tudo isso é criticado pelos estudantes:

*A sociedade anda confundindo sexualidade que é algo sadio, com algo exagerado e erótico. (Aluna da UNIRIO)*

*Ela está tratando de maneira exagerada, como se fosse o principal. (Aluna da UNIRIO)*

*Muito exposta. (Aluna da internet)*

Alguns criticam a sociedade por erotizar o corpo e esquecer de transmitir responsabilidade, que rodeia o mundo das proibições e prevenções, de se evitar gravidez precoce e doenças principalmente. Outros demonstram que falta mais informação para que essa responsabilidade aconteça.

*Eles vêm demonstrando a sexualidade como uma erotização do corpo. Tinha que tratar desse assunto com naturalidade e transmitir responsabilidade. (Aluna da UNIRIO)*

*A sociedade brasileira por ser machista é preconceituosa e mal informada. As informações de uma maneira geral não chegam às classes populares. (Aluna da UNIRIO)*

*De forma irresponsável e inseqüente. (Aluna da UNIRIO)*

O estímulo precoce da sexualidade nas crianças é criticado, tido como a maneira errada de se apresentar a sexualidade para as crianças, diante disso percebemos o medo e a dificuldade em lidar com essas crianças precoces.

*De maneira errada, através de músicas pornográficas, novelas e filmes sem censura, com muitas cenas de sexo, e que as crianças vêem isso e aprendem de maneira errada. (Aluna da UNIRIO)*

*Tem visto e demonstrado de uma maneira vulgar. Acho também que vem despertando muito precocemente a sexualidade das crianças. (Aluna da UNIRIO)*

Outros tratam essa sexualidade exagerada de vulgar, banal ou agressiva, que até mesmo transforma a sexualidade em pornografia, mercadoria, droga.

*A sociedade tem visto a sexualidade de uma maneira muito banal e depravada. (Aluna da UNIRIO)*

*Está tratando de forma vulgar. Só bunda, peito, silicone e “prostituição” em todas as classes. Não só a venda do corpo, mas da imagem, passando por cima do sentimento. (Aluna da UNIRIO)*

*A sociedade vulgariza a “sexualidade”. Sexualidade virou sinônimo de banalidade. (Aluna da UNIRIO)*

*Distorcida, pois tal maneira está a confundir sexualidade com sensualidade, pornografia. (Aluna da internet)*

*A sociedade brasileira tem visto e demonstrado a sexualidade de forma muito vulgar, talvez por influencia da mídia. (Aluno da UNIRIO)*

*O sexo é o ópio da nossa sociedade. (Aluno da UNIRIO)*

Alguns pesquisados exaltam que ela deixa de fora os verdadeiros desejos de cada um, os sentimentos, as emoções, exagerando demais mais não valorizando a individualidade, a intimidade.

*A sexualidade está sempre atrelada à vulgaridade, interesse ou proibição. Nunca vem de forma de simples expressão de desejos. (Aluna da UNIRIO)*

*A sexualidade banaliza cada vez mais a sexualidade. Acho que a questão deveria ser encarada com mais respeito, mais ligada à emoção. (Aluna da internet)*



A sociedade tem vinculado a sexualidade somente a questão da iniciação sexual.  
(Aluna da internet)

Uma resposta demonstra o medo diante desse novo:

Percebo essa maneira de tratar a sexualidade com um certo receio, um pouco à margem dos assuntos. (Aluna da UNIRIO)

Duas respostas chamam atenção por não considerarem “errada” a maneira pela qual a nossa sociedade está tratando a sexualidade:

Acho que a sexualidade tem sido, ao longo do tempo desmistificada, encarada como algo normal e importante para o crescimento pessoal. (Aluna da UNIRIO)

Atualmente a sociedade brasileira tem exposto a sexualidade na mídia e demonstrado um maior interesse, ao invés de reprimir. (Aluna da UNIRIO)

Na realidade é isso que acontece, a sociedade está mais aberta à sexualidade, mas dessa forma a mercantilização do sexo fica também mais aparente e freqüente. As críticas desses futuros professores demonstram a indignação e, ao mesmo tempo o não saber lidar com esse mundo aberto, onde as crianças estão precocemente introduzidas no mundo do sexo e, assim, “irresponsáveis” diante dele. Será que oferecer essa responsabilidade será papel do professor?

Isso assusta aos pesquisados. Assusta a um professor que, podemos verificar com os questionários, na maioria das vezes foi reprimido dentro de casa em sua sexualidade, não conversava sobre o tema com seus familiares e, por causa, disso muitas vezes, se reprimiu:

Toda vida a minha família controlava e condenava a sexualidade... sempre reprimi demais os desejos sexuais por causa da sociedade. (Aluna da UNIRIO)

Alguns entrevistados demonstraram que a sexualidade começou a ter uma abertura em casa, conversas e tudo mais, por mais que a sociedade parecesse reprimi-la, mas que, mesmo assim, ainda não se sentia a vontade com o tema.

A diferenciação dos sexos também é demonstrada por meio das narrativas dos entrevistados do sexo masculino demonstrarem o incentivo sócio-cultural que recebiam em relação a exercer o sexo. Quanto às entrevistas do sexo feminino ao contrário, indicavam a repressão que sofriam.

### 2.3 Tabus sobre a sexualidade e sua presença nas falas dos pesquisados

Um tabu existente na sociedade ocidental é a virgindade. Sua origem está ligada à ascensão da Igreja Católica que precisava de uma forma de obter controle populacional em geral, e para evitar que a criação de filhos órfãos não recaísse na responsabilidade (financeira, moral, intelectual, etc.) da Igreja e/ou do Estado.

Como forma de solucionar esse problema, a Igreja dita como pecado (transgressão ou anormalidade punida por Deus que deve ser evitada) o sexo antes do casamento.

Ora, se o sexo só fosse feito após o casamento e houvesse fidelidade recíproca, não haveria filhos ilegítimos, nem filhos sem pai ou sem mãe. O casamento, encarado deste modo, passa a ser uma autorização para se fazer o sexo, só que um sexo limitado, que não teria por objetivo o prazer, mas a produção de filhos legítimos, de acordo com o trecho abaixo destacado:

Começa assim a desenvolver-se uma Erótica diferente daquela que teve seu ponto de partida no amor pelos rapazes, mesmo se, tanto numa como na outra, a abstenção dos prazeres sexuais desempenha um papel importante: ela se organiza em torno da relação simétrica e recíproca entre o homem e uma mulher, em torno do alto valor atribuído à virgindade e da união total em que vem a completar-se<sup>20</sup>.

Mas, com a mídia atual e nos questionários respondidos pelos estudantes, percebemos que é um tabu que vem perdendo força, embora ainda se demonstre forte na sociedade.

Os homens entrevistados dizem que não se importam se garota é ou não virgem, pois *o que importa é gostar da pessoa e conhecê-la, que a virgindade é uma fase da vida, que respeitam se a mulher tiver a virgindade como opção*. Com essas observações podemos nos lembrar da virgindade na Grécia Clássica no que ela demonstra uma escolha de vida: *Vê-se: a virgindade não é simplesmente uma abstenção preliminar à prática sexual. Ela é uma escolha, um estilo de vida, uma forma elevada de existência que o herói escolhe, no cuidado que tem consigo mesmo.*<sup>21</sup> No entanto ela não é uma simples escolha, ela está atrelada a uma

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. A mulher/os rapazes da história da sexualidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.131

<sup>21</sup> *ibidem.*, p. 129.

moral imposta pela sociedade que é absorvida, muitas vezes, como sua própria moral por parte dos indivíduos, neste caso as mulheres.

A maioria das mulheres acha que é uma opção de cada um, contudo ao mesmo tempo ainda aparece a questão da necessidade de se “ter uma idade”, a “necessidade de se guardar para alguém”, e os “traumas relacionados com esse tabu”:

Nossa, essa é uma questão tão mal resolvida para mim ... Tenho inúmeras questões a respeito e posicionamento oscilante sobre o assunto. Perdi a virgindade com 18 anos, com um rapaz que julgava gostar e que eu nem conhecia. Hoje chego a sentir um pouco de culpa e milhares e dúvidas pairam sobre mim. (Aluna da Internet)

Acho que virgindade é um estado em que a pessoa quer ou deve ficar, ou ainda que tem que ficar, dependendo de uma série de fatores que irão determinar este estado. (Aluno da UNIRIO)

A virgindade é algo que tem de fazer parte da vida de qualquer adolescente. Não acredito que uma adolescente esteja preparada para optar pelo parceiro que vai lhe fazer realmente sentir tudo o que imagina. Uma vez que casei nesta fase posso dizer que nada melhor que a maturidade para nos dar a certeza do que realmente queremos para nossa vida. (Aluna da Internet)

Para mim a virgindade é algo que guardo com enorme importância porque, para mim, entregar-me a alguém que amo e que me ama é de extrema importância. (Aluna da internet)

Não é um peso. É algo que nasce com você e que você não “perde”, você apenas pula uma etapa. (Aluna da internet)

Um tabu que é imposto pela sociedade que tira a liberdade de escolha. (Aluna da UNIRIO)

A virgindade não é mais algo considerado de extrema importância para o casamento como o era antigamente. Mas continua sendo uma virtude para algumas mulheres, assim como a abstenção é para os gregos uma forma de liberdade, de saber controlar-se, para algumas mulheres entrevistadas é como se fosse uma demonstração de força, de autocontrole para entregar-se ao homem correto.

O herói virtuoso que é capaz de se desviar do prazer, como uma tentação na qual ele sabe não cair, é uma figura familiar ao cristianismo, como foi corrente a idéia de que essa renúncia é capaz de dar acesso a uma experiência espiritual da verdade e do amor, a qual seria excluída pela atividade sexual.(...) Além disso, é preciso ter em mente que a Igreja e a pastoral cristã fizeram valer o princípio de uma moral cujos preceitos eram constrictivos e cujo alcance era universal (o que não excluía as diferenças de prescrição relativas ao status dos indivíduos, nem a existência de movimentos ascéticos com suas próprias aspirações). Em compensação, no

pensamento antigo, as exigências de austeridade não eram organizadas numa moral unificada, coerente, autoritária e imposta a todos da mesma maneira; elas eram, antes de mais nada, um suplemento, como que um “luxo” em relação à moral aceita correntemente.<sup>22</sup>

O pior é quando estas descobrem que se guardaram “à toa”, pois o homem que escolheram não era tão correto assim, percebemos isso na opinião das pesquisadas, citadas acima. O ato de se guardar para entregar-se ao verdadeiro amor demonstra para a mulher a idealização de um amor que na verdade às vezes nunca existiu e nunca existirá.

Já o homossexualismo é um tabu que se apresenta até mesmo anterior à nossa moral cristã, mesmo sendo aceito na sociedade grega, ele vinha envolvido de preconceitos, desqualificações e reações negativas por parte da população, como demonstra o texto que se segue de Michel Foucault

Nos textos do Século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido: seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo o seu corpo fazem, regularmente, parte dessa descrição desqualificadora; a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema, de uma inversão dos papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa à natureza; seria de acreditar-se, diziam, que “a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual”. (...) O domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser “livre” na Antiguidade grega, em todo caso bem mais do que o foi nas sociedades européias modernas; não resta dúvida, entretanto, que bem cedo se vê marcar intensas reações negativas e formas de desqualificação que se prolongarão por muito tempo.<sup>23</sup>

Verificamos que apesar de ser tratado pela maioria dos estudantes como algo normal, uma escolha de cada um, uma opção que não devemos interferir, o homossexualismo aparece ainda cercado de preconceitos por parte dos pesquisados

Não sei se sou a favor, mas tenho amigos homossexuais... O mundo vem se acostumando com isso, aprovando isso ou não. Eu não sei o que faria, não gostaria de ter um filho homossexual ou uma filha, é tão fácil olhar pros outros homossexuais e dizer: “Que legal!” ou “Eu aprovo”, mas quando é em nossa família, nunca aceitamos de imediato, leva tempo e psicologia atrás de psicologia, mesmo porque os próprios homossexuais tendem a ser mais problemáticos e cheios de crise, que os heterossexuais. (Aluna da Internet)

Não tenho restrições a nenhuma opção sexual, procuro ver do ponto de vista das pessoas que vivem o homossexualismo e que sofrem terrivelmente, seja por discriminação, por deboches, enfim preconceitos, e não creio se tratar de “doença”

<sup>22</sup> Ibid. História da Sexualidade 2- O uso dos Prazeres. 7ª. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1994, pp. 22-23.

<sup>23</sup> Op cit, 1994, pp. 21-22.

como muitas pessoas dizem, é claro que existe o lado ruim, ligado a prostituição, exploração, drogas, o qual eu condeno. (Aluna da Internet)

Apesar do curso de Orientação Educacional ter tentado nos mostrar que este profissional tem de lidar com seus preconceitos para assim conquistar sua clientela, não me sinto segura suficiente para dar aqui minha opinião. (Aluna da Internet)

É algo normal. Não tenho qualquer razão para me opor a isso. Cada um é livre de gostar de quem quiser. (Aluna da UNIRIO)

Normal, até acontecer com alguém da minha família, principalmente se for um filho meu. (Aluna da UNIRIO)

Vai contra os meus princípios e contra o próprio corpo. (Aluna da UNIRIO)

É apenas diferente, eu respeito. (Aluna da UNIRIO)

Creio que variadas são as suas causas; assim, este pode ser, para o indivíduo, uma fuga ou a verdadeira felicidade amorosa, dentre outros. (Aluna da UNIRIO)

Cada um tem uma opção, porém quando me deparo com algo “diferente”, tenho “nojo”. (Aluna da UNIRIO)

Natural, o homem nasce igual, é a sociedade que determina os sexos e seus papéis. O importante é amar... (Aluna da UNIRIO)

Homossexualismo para mim é narcisismo. (Aluna da UNIRIO)

Não tenho preconceito, mas a sociedade exige que sejamos heterossexuais, mas cada um deve buscar a sua felicidade. (Aluna da UNIRIO)

Não sou contra nem a favor. (Aluna da UNIRIO)

Homossexualismo é a falta de um prazer sexual que o outro do mesmo sexo pode resolver, devido a algum problema. (Aluna da Internet)

*Problema, nojo, preconceito, narcisismo, causas, sofrimento, diferente, contra o corpo, felicidade, e família* são palavras que aparecem nessas frases e demonstram que longe de ser uma coisa normal, o homossexualismo é ainda um tabu envolvido por muitos outros preconceitos, não só preconceitos como até reações fisiológicas que nos levam a refletir sobre como uma questão moral se torna tão impregnada no indivíduo que pode causar o nojo que é uma reação fisiológica?

Quando dois pesquisados evidenciaram que não aceitariam um homossexual dentro da sua família é porque, na verdade, não o aceitam como pessoa humana. E se a pergunta do questionário ao invés de perguntar qual a opinião deles em relação ao homossexualismo, perguntasse como eles reagiriam se o seu filho fosse homossexual, será que as pessoas que disseram que acham o homossexualismo normal (a grande maioria) responderiam da mesma forma?

### Capítulo 3 – Problematização de situações escolares frente à Sexualidade

Nesta parte da monografia tento mostrar a reação dos pesquisados frente a três situações problemas propostas, que por sinal são verídicas:

1- Dois garotos de 8 anos que comumente agem com violência na sala de aula, se encontram no chão encenando um sexo oral, porém sem mostrar genitálias.

2- Um garoto de jardim, em um trabalho em que todos desenhavam, desenha um pênis bem grande e fica mostrando para a turma, que reage rindo.

3- Um garoto de 7 anos pega à força uma menina por trás, fazendo movimentos, e a menina demonstra que gosta.

Muitos dos pesquisados se disseram sem ação para resolver muitas das situações. Além desses, que disseram que ficariam sem ação e assustados, muitos também disseram que chamariam um especialista (psicopedagogo, psicólogo, orientador, direção) para resolvê-la, se retirando do “problema”. Dessa maneira, demonstram, também, que não teriam ação para tratar do tema.

Tiraria o desenho de suas mãos, encaminharia o garoto para um psicopedagogo e tentaria conversar com seus pais. (Aluno da UNIRIO)

A palavra que mais surge na busca de uma solução para as questões colocadas é “a causa”, muitos vão procurar saber as implicações dessa sexualidade precoce, onde será que as crianças presenciando isso. E, dessa forma, muitos respondem que negariam os atos, repreendendo-os (nenhum deles usa este termo), e conversando sobre como é errado o que fizeram.

Uma alternativa oferecida por um dos pesquisados (Aluno da UNIRIO) para o desenho do garoto do jardim foi *como isso é uma coisa que não pode ser mostrada em público, se ele não podia transformar o desenho em uma árvore*. A fuga do tema está presente nessa resposta, assim como em outras relativas às outras questões colocadas, mais uma vez, se deparando com a dificuldade de tratar e falar sobre o tema sexualidade, torna-se mais fácil fugir dele, fingir que não aconteceu e continuar proferindo a sua aula, sem deixar

que esses fatos interfiram no conteúdo que tem que ser aplicado na ação pedagógica. Outras respostas deste tipo, em torno do desenho, foram as seguintes:

Iria falar que ele desenha muito bem, mas porque ele não desenha outra coisa. (Aluna da UNIRIO)

Puxa! Você desenhou o órgão sexual masculino, mas... explicaria que aquilo não era hora para aquele tipo de desenho e sugeria um outro. (Aluna da UNIRIO)

Outra maneira de fugir do tema é demonstrada na atitude de vários pesquisados que conversariam com as crianças, explicando que não deveriam fazer o que fizeram, e que depois conversariam com os pais, ou seja, admitindo que é responsabilidade somente dos pais resolver o “problema sexual” do filho, pois se ele está tendo atitudes homossexuais ou sexuais na escola, isso só pode ter vindo de casa, da falta de uma educação dada pelos pais, pois o papel da escola não é falar sobre sexualidade, mas ensinar conteúdos. Apesar de nenhum dos entrevistados não falarem isso eles demonstram que pensam assim, por exemplo na resposta seguinte:

Provavelmente é uma atitude absorvida da sociedade adulta, explicaria que não pode fazer esses movimentos em público e conversaria com os pais. (Aluno da UNIRIO)

Desviar do tema também é uma solução encontrada na seguinte resposta: *Se for uma ação única ela irá passar rápido, se ela repetir busco desviar o interesse dessas duas crianças para uma brincadeira ou outra ação. Sem reprimir ou punir. Mais uma vez percebemos que é melhor mudar de assunto com as crianças do que enfrentá-los de frente.*

A justificativa de que “ainda não estão na idade para isso” é observada em várias respostas, fala-se que ainda é cedo para tal atitude, que é algo do mundo dos adultos, que eles não podem fazer. Na verdade falta uma explicação em torno “do que é” o proibido, e o porquê da sua proibição. Proíbe-se, mas sem explicar o quê e o porquê dessa proibição:

Chamaria os dois e conversaria, mostrando que além da escola não ser lugar para aquilo, eles ainda são muito pequenos para isso. (Aluna da UNIRIO)

A questão da permissibilidade para as questões sexuais, limitada por idade, sexo e outras condições, se mostra em todas as sociedades, desde a antiguidade até o início da atual moral cristã:

É sem dúvida um traço comum a muitas sociedades que as regras de conduta sexual variem segundo a idade, o sexo, a condição dos indivíduos, e que obrigações e interdições não sejam impostas a todos da mesma maneira. Mas, para se ater ao caso da moral cristã, essa especificação se faz no quadro de um sistema global que define, de acordo com princípios gerais, o valor do ato sexual, e indica sob que condições ele poderá ou não ser legítimo, sendo a pessoa casada ou não, ligada ou não por votos, etc.; trata-se aí de uma universalidade modulada. Parece que na moral antiga, salvo alguns preceitos que valem para todo mundo, a moral sexual sempre faz parte do modo de vida, ele próprio determinado pelo status que se recebeu e as finalidades que se escolheu. (...) <sup>24</sup>

Chamar a atenção para a violência do ato também se demonstra uma forma de escapatória: *la procurar relacionar este ato sexual e a violência, tentar mostrar, junto às crianças, que é muito mais gostoso se tocar do que se bater*. Enfim, questionar a violência se torna mais fácil de explicar do que questionar o ato, ou explicá-lo.

Embora muitos pesquisados queiram fugir do tema, escrevendo isso em suas respostas dizendo que: *ficaria super constrangida, não estou preparada para isso, não sei o que fazer, ficaria sem ação*, etc.. Outros aproveitaram a situação de uma maneira didática para falar sobre o tema que as crianças estariam querendo falar:

Falaria com toda a turma sobre o tema, trabalhando conteúdos como reprodução humana (Aluna da UNIRIO).

Explicaria com base na biologia e de acordo com conhecimentos da turma o que significaria (o pênis) e o quanto é importante. (Aluna da UNIRIO)

Eu procuraria explicar a turma que aquilo, os garotos tinham e que nós estudaremos sobre determinado órgão, como se fosse uma parte de seu corpo que desempenha algumas funções comuns como urinar e também sobre a função da concepção, pela qual foram originados, enfim, procuraria ilustrar da forma mais didática, simples e bonita possível. (Aluna da internet)

Colocaria a turma para um “debate” sobre o assunto de forma que eles entendessem que o pênis faz parte do corpo humano. (Aluna da UNIRIO)

Traria livros que demonstrassem a atividade sexual e explicaria a sua importância e daria relevo às suas atitudes não os reprimindo, mas dando referências para que tal não se repetisse. (Aluna da internet)

Iria rir junto e conversar com a turma porque o riso de algo tão natural (o pênis). (Aluna da UNIRIO)

Percebemos nesses discursos que a valorização do biológico, de acordo com o que diz Foucault, é muito grande. A sexualidade não se demonstra como algo inerente ao ser

<sup>24</sup> FOUCAULT, op cit, 1994, p 57.



humano em sua busca por prazer, mas como demonstração de uma atitude biológica que volta-se para a reprodução da espécie humana.

Muitos também demonstram que perguntariam o que os alunos sabem sobre o assunto, o que significa aquilo que faziam:

Perguntaria se a turma conhecia aquele desenho e se fosse necessário trabalharia com o corpo humano, "matando" a curiosidade dos alunos. (Aluna da internet)

Perguntaria o que eles estavam fazendo, pediria que me explicassem o que era aquilo. (Aluna da UNIRIO)

Dessa forma poderiam trabalhar partindo do que os alunos sabiam e ampliar de forma que eles entendessem realmente o que eles estavam agindo e pensando. Pois, com certeza, eles sabem o que estavam fazendo, porém muitas vezes sabem de uma maneira deturpada, orientada pelos tabus e metáforas que existem na sociedade, principalmente na família, para explicar e falar sobre o tema sexualidade.

A valorização da prevenção também aparece no discurso dos pesquisados, como por exemplo: *Conscientizaria os dois sobre o que eles estavam fazendo e falaria sobre o quanto poderia ser bom no futuro e suas conseqüências se feito com irresponsabilidade (Aluna da internet)*. Em outras respostas, essa valorização da prevenção e da responsabilidade também aparece, na verdade, ela é a maior preocupação acerca do sexo atualmente.

Analisando as respostas dos pesquisados diante de tais situações percebemos que aqueles que demonstram ter tabus e preconceitos na maioria das vezes também se vêem perdidos, tentando se desviar dos problemas citados acima de alguma forma, determinando outras pessoas para que cuidem do problema ou mesmo negando a questão em sua sala de aula.

Cerca da metade dos pesquisados da universidade (23) e mais da metade dos pesquisados da internet (7) responderam, mesmo assim, que se sentem preparados para lidar com a sexualidade na sala de aula. A explicação para que estejam preparados vem sempre atrelada com a capacidade de se falar abertamente sobre o assunto.

Muitos citaram que ainda precisam vencer os preconceitos e que isso dependerá do seu dia a dia na sala de aula. Será que o dia a dia na sala de aula ajudará realmente a vencer o preconceito? Será que este não o reforçará ou até mesmo o aumentará?

Dos alunos que não se sentem preparados para lidar com a sexualidade, muitos apontam a falta de informação no seu curso de formação sobre o assunto. Alguns dos alunos

que se sentem preparados também apontam seu curso como insuficiente para essa ação. Outro fator que assusta ao lidar com a sexualidade é a mídia estar “deturpando” a sexualidade e apresentando-a de forma constante.

Duas respostas que chamaram a atenção e trouxeram opiniões diferentes a respeito do preparo para lidar com a sexualidade foram:

Ainda não estou preparado. Não sei o quanto a escola deve participar na educação da sexualidade, principalmente com o trabalho nas diferentes faixas etárias. (Aluno da UNIRIO)

Eu acho que estou preparada para lidar com alunos, mas talvez não com seus pais... o curso ainda não aprofundou essa questão. (Aluna da UNIRIO)

O não saber qual é papel da escola na educação sexual das crianças está presente nas duas respostas acima, a dúvida provavelmente está inscrita no sigilo que a escola tratava antigamente sobre a sexualidade, a escola aparentemente não tinha como função falar da sexualidade, então, como introduzir isso agora? Como falar com os pais a respeito desse assunto tão polêmico? Tudo que envolve a sexualidade se torna tabu, até mesmo o simples falar com os pais dos alunos a respeito do tema.

## Conclusão

Os futuros professores, assim como toda a sociedade, não se encontram preparados para falar da sexualidade. Apesar de toda a incitação dos discursos sobre a sexualidade, exercida pela sociedade para controlar o indivíduo em sua estratégia de vontade de saber.

O discurso biológico/médico a respeito do tema se torna presente na fala dos entrevistados. Como podem este fugir deste discurso em uma sociedade que o apregoa a todo o momento?

O discurso médico, de acordo com Foucault, vem legitimar a sexualidade suprimida pelo poder da Igreja e do Estado, e utilizada para controlar a sexualidade dos sujeitos. Os entrevistados acabam por tomar esse discurso como o verdadeiro e, dessa forma, se demonstra o discurso que deve predominar na escola e que eles devem veicular sendo professores.

Este discurso médico tem a “obrigação” de explicar a sexualidade à sua maneira, porque tem como função o controle populacional e o controle dos gastos com a saúde, evitando epidemias provocadas por “más condutas sexuais”. O discurso deve ser contra o sexo e a concepção em crianças, adolescentes e em solteiros, e para tal ampara-se na alegação de que ser fiel e ser responsável com sua sexualidade pode prevenir as conseqüências graves e perigosas do sexo.

Portanto, a virgindade é exaltada, pois ela representa a pureza em relação às doenças que o sexo pode provocar, e a pureza em relação aos problemas que uma gravidez não desejada pode oferecer.

Ao mesmo tempo, atualmente a virgindade está muito mal resolvida, pois apesar de ainda ser desejada pelos motivos acima, tem esbarrado na questão do “não sentir o prazer do sexo”, tão valorizado como consumo e diversão nos dias atuais. Percebemos essa ambigüidade nas falas e dúvidas dos entrevistados em relação a esse tabu.

Na verdade fala-se muito sobre a sexualidade, mas esta fala está carregada de tabus, preconceitos, morais estabelecidas, preceitos a serem seguidos, contravenções a serem punidas. A fala dos indivíduos da sociedade é uma fala escondida, porém velada, ou seja, estes não são autorizados a falar sobre o tema, mas por isso falam demais sobre ele, sendo que esta fala é recheada de metáforas e preconceitos, pois sendo uma fala “proibida”, eles não poderiam falar abertamente sobre o tema.

Cria-se indivíduos qualificados para falar e regular sobre o tema, assim os outros indivíduos se vêm desamparados frente às suas dificuldades em tomar o tema como central em seu trabalho. Por exemplo, os professores sentem que não precisam tratar de problemas relativos com a sexualidade, pois existem outros profissionais (médicos, psicólogos, psicopedagogos, etc) que são autorizados para tal e que são especialistas, portanto, tratarão do problema de forma correta, forma esta que eles não poderiam tratar pois não são especialistas no assunto.

A fuga do tema, presente na resposta dos entrevistados, se torna justificável dessa forma, ou seja, se eles não são especialistas podem fugir do tema ou podem procurar alguém que seja autorizado para tratar do problema.

A sociedade por “não permitir que se fale sobre o assunto” pode ser motivo ou desculpa para a fuga do tema. Assim também se encontra uma justificativa para não lidar com ele.

A família pode ser motivo para não tratar do assunto, pois ela é que deveria ensinar, inibir, a sexualidade da criança e não deixar que esta se manifeste em outros âmbitos da sociedade, principalmente na escola que é um dos lugares proibitivos da sexualidade. A fuga nesse sentido se torna mais fácil, é só chamar os pais, reforçar o seu papel de repressor da sexualidade, e se não funcionar a culpa por uma sexualidade “desviada” se torna deles e não da escola ou do professor. Afinal, as encíclicas papais norteiam tais assuntos para a esfera da família, fato que é afirmado pelas políticas públicas.

Tudo se torna motivo e justificativa para desviar do assunto, no caso dos entrevistados suas respostas em torno do fato dos alunos serem violentos desvia a atenção do sexo para a violência, sem questionar a possibilidade da violência estar atrelada à sexualidade. Assim, o desenho da sexualidade tem que ser transformado em outro que não evidencie a necessidade de educar para o tema; desviar a atenção para outro assunto se mostra mais uma tática de burlar o assunto sobre o qual as crianças insistem em exaltar e que desejam que seja questionado.

A idade, um traço comum em muitas sociedades como permissibilidade para a sexualidade, torna-se mais um amparo para que a sexualidade não seja tratada de maneira aberta com as crianças, o famoso discurso de que “elas não estão na idade para isso” é reforçado novamente na fala dos entrevistados. Porém, estes não se detêm no seguinte fato: se as crianças estão tendo atitudes sexuais, se as crianças estão presenciando a sexualidade na mídia e em outros locais da sociedade, será que a demonstração de sua sexualidade não é um

pedido para que se trate do tema? Será que este pedido não se dá junto com uma vontade de um discurso sem “rodeios” sobre o tema, pois é este que provavelmente as crianças presenciaram a todo o momento?

Alguns entrevistados perceberam essa necessidade das crianças de conhecer sobre um assunto sobre o qual elas têm muitas dúvidas, um assunto que é cercado de explicações mal dadas. A partir dessa percepção esses entrevistados pediriam para que as crianças falassem sobre o assunto, para conhecer o que as crianças sabem e a partir daí poderem explicar mais para elas. Nesse pedido para que as crianças falem está presente um corte no silêncio sobre o assunto, uma vez que o pedido para falar sobre a sexualidade é feito a todo o momento na sociedade, porém não de forma explícita, mas de uma forma implícita para conhecer o saber dos sujeitos e assim poder controlá-los.

Na função de trabalhar pedagogicamente o que a criança ainda não sabe, mas que está querendo saber, está a verdadeira função do professor: estimular a curiosidade e depois trabalhá-la elucidando-a da melhor maneira possível, sem autoritarismo, ou seja, sem unilateralismo, sem exaltar a sua explicação como a única verdade possível.

O trabalho pedagógico nesse caso não estimularia mais a sexualidade da criança, pois ela já a demonstra e pede para ser questionada. O professor tem que tomar cuidado para elucidar a curiosidade da criança, provocando mais curiosidades, mas não as adiantando, é preciso deixar que a criança tenha sua curiosidade para que esta seja esclarecida junto com a criança e não “empurrando-a” para que ela aceite-a como sua.

Embora, essa hipótese tenha aparecido em algumas respostas ela foi minoria. A maioria das respostas dos entrevistados continha ou a fuga do tema, ou preconceitos em relação a ele.

Os preconceitos apareceram explicitamente e implicitamente em muitas das respostas dos entrevistados, e estes representaram que esses futuros professores, possivelmente, irão demonstrá-los na sua prática.

Como esses professores lidariam, por exemplo, com a homossexualidade de um aluno? Muitos demonstraram em suas falas que esse comportamento é “errado” e que deve desviar de atenção, ou trabalhado pelos pais ou por profissionais qualificados para tal.

Longe de discutir certo ou errado (discussão que tomaria pelo ponto de vista de vários autores que demonstram que certo e errado é uma questão social e que depende de pontos de vista), discute-se aqui a atitude de um profissional e seus preconceitos, provavelmente no cotidiano escolar esses preconceitos não serão resolvidos, ao contrário do

que pensam alguns dos entrevistados, eles até podem ser resolvidos, mas só se houver uma atitude crítica por parte desse professor que dê “voz e ouvido” aos alunos em suas dúvidas e em suas atitudes, mas somente se este souber se questionar em suas questões morais e seus preconceitos.

Porém, o preconceito não está somente na reação a tabus, mas na própria conceituação de sexualidade pelos entrevistados. Percebemos que o uso de metáforas e de explicações biológicas predominam, além da visão do sexo como amor, sentimento.

A sexualidade também é tida como algo que não pode ser demonstrado, isso se evidencia na indignação com relação ao “exagero” da exposição desta na sociedade, que é demonstrada com vulgar.

Na verdade ela tem se demonstrado de maneira mais forte nesses últimos anos, mas o “problema” está não nessa demonstração, ela poderia acontecer como uma desmistificação (de acordo com que explicita um dos entrevistados), mas ela não tem sido desmistificada, apenas vinculada de maneira cada vez mais forte ao consumismo e ao controle das massas pela mídia que dita cada vez mais o que deve ser feito pela população, e esta absorve sem crítica esse comportamento desejável.

A população tem aceitado, cada vez mais, ser vigiada em sua sexualidade e vigiar a sexualidade dos outros em seu aspecto permissível e proibitivo. Não é a toa que atualmente demonstra-se uma febre dos *reality shows*.

Sexualidade é visto como algo que é natural, mas na verdade é algo que é construído na sociedade, pois se não fosse ninguém se guardaria para o sexo com amor, ou ficaria virgem porque é pecado exercer o sexo antes do casamento. A sociedade tem construído a sexualidade de uma forma que ela parece natural ao ser humano e assim todos os comportamentos aceitos e proibições também são tidos como naturais. Destarte, os preconceitos também parecem naturais, isso fica demonstrado no fato de alguns entrevistados demonstrarem que não aceitam os homossexuais, ou por não os quererem em sua família, ou até por ter uma reação fisiológica contra eles (o nojo).

Apesar de todos os preconceitos demonstrados e as constantes tentativas de fugir do tema na sua prática pedagógica, a maioria dos entrevistados demonstra se sentir preparado para lidar com a sexualidade na sala de aula. Parece equivocado, não parece?

Mas não é. Os entrevistados se sentem preparados para lidar com a sexualidade na sala de aula da maneira com que esta foi tratada na sua fase escolar, ou seja, da maneira que a

sociedade deseja, sem discutir, apenas ditando o que é certo e errado e transmitindo os problemas para os especialistas qualificados para resolvê-lo.

Alguns entrevistados não se sentem preparados porque a mídia está exaltando a sexualidade como não exaltava antes, dessa forma fica difícil lidar com a sexualidade da mesma forma com que ela foi tratada no tempo que eles estudaram, fica evidente que eles queriam tratá-la da mesma forma, mas que hoje essa forma não daria conta dos questionamentos que são provocados nas crianças. Assim, eles ficam sem saber realmente o que fazer.

Um fato que chama atenção é o fato de saber como lidar com as crianças, mas não com os pais, na verdade, isso demonstra que eles não tem certeza ou convicção que este deve ser um assunto tratado na escola, por isso não saberiam explicar para os pais porque estariam falando desse assunto tão polêmico. Também demonstra a dificuldade de se falar sobre a sexualidade entre os indivíduos.

Os entrevistados que não se sentem preparados e demonstram que falta no curso de formação deles clamam por uma maior informação de como lidar com o tema no cotidiano escolar, ou evidenciam que eles não sabem o que deve estar presente na escola em relação à sexualidade, acredito que estes estão no caminho de buscar uma maneira melhor de lidar com a sexualidade na escola, estão questionando a sua formação anterior (desde a infância) e o seu curso de formação profissional.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulher e educação: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

FOUCAULT. Vigiar e Punir. 6<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade I- a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal 1992.

\_\_\_\_\_. História da Sexualidade 2- O uso dos Prazeres. 7<sup>a</sup>. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. A Ordem do Discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. A mulher/os rapazes da história da sexualidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

REIS. A Sexualidade e os Escolares da Educação Fundamental: Entre a Vontade de Saber e o Cuidado de Si. ANPED: 2000a.

\_\_\_\_\_. (Re) Invenção da Escola Pública: Sexualidade e Formação da Jovem Professora. Universidade Federal Fluminense – UFF. Tese de Doutorado: 2002.

TAMBARA, Elomar. Profissionalização, escola normal e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. História da Educação/ ASPHE (Associação Sul-rio-grandense de pesquisadores em História da Educação). Pelotas, n.3, p. 35 – 58, abril 1998.



## Anexo

**Questionário** – Responda sinceramente, e de forma breve, às perguntas:

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Cidade onde Mora: \_\_\_\_\_

Instituição e curso: \_\_\_\_\_

Habilitação do curso: \_\_\_\_\_

1) Me conte um pouco do porquê da sua escolha pelo seu curso.

---

---

---

2) O que você está achando de seu curso? Ele está sendo o que você esperava? Porque?

---

---

---

3) O que é sexualidade para você?

---

---

4) O que você acha da maneira como a sociedade brasileira tem visto e demonstrado a sexualidade?

---

---

5) Como você lida e lidou durante a sua vida com a sexualidade?

---

---

6) De que maneira a sua família interferiu na sua sexualidade?

---

---

7) O que você acha da virgindade?

---

---

8) Que a sua opinião sobre o homossexualismo?

---

---

9) Sexo é...

---

---

10) Você acha que está preparado para tratar de sexualidade com seus alunos? Porquê? Seu curso lhe deu essa base?

---

---

11) Como você agiria nas seguintes situações: (obs: verídicas)

Dois garotos de 8 anos que comumente agem com violência na sala de aula, se encontram no chão encenando um sexo oral, porém sem mostrar genitálias.

---

---

Um garoto de jardim, em um trabalho em que todos desenhavam, desenha um pênis bem grande e fica mostrando para a turma, que reage rindo.

---

---

Um garoto de 7 anos pega à força uma menina por trás, fazendo movimentos, e a menina demonstra que gosta.

---

---

---



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

**AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA**

Título da monografia: Os futuros professores e a sexualidade: concepções, pre-  
conceitos e atuação profissional

Autor: Armanda Oliveira Rabelo

Professor Orientador: Profa. Amélia Gomes de Souza Reis

Professor Leitor: Angela Maria Souza Martins

Parecer do Orientador:

A prática acadêmica de Armanda se desenvolve com a rapidez de um raio. Limbo-me bem da "quase menina" que um dia me procurou com interesse pelo tema de estudos que desenvolvia e, que tomava conhecimentos de pós-graduação em uma disciplina optativa que discute a temática. Seu esforço no trabalho acadêmico de pesquisa e extensão se espalhou, ampliando-se e completando-se em sua monografia de final de curso, nesta tarefa que ora termina e que, certamente, se coroará em sua dissertação de mestrado. Procura novidades nos cantos escondidos da realidade sempre foi seu desafio. Entrelazar sentimentos, vontade e busca sempre marcou sua vida acadêmica. Acompanhando sua organização de seu trabalho e as suas precezas em conciliar a prática pedagógica em escolas públicas não poderia deixar de conferir-lhe o conceito máximo E (excelente).

Parecer do Professor Leitor: O trabalho de Armanda discute com muita propriedade a questão da sexualidade na formação de professores. A monografia apresenta uma ótima sistematização de ideias e uma discussão teórica com fundamentação muito bem estruturada. Trabalha com pesquisa de campo, trazendo informações significativas para a formação de professores e seu enfrentamento com questões suscitadas pela sexualidade. Confira a aluna conceito E (excelente).

Conceito Final: Excelente

Data: 30/07/02

Assinaturas:

Amélia G. Reis

Angela Maria Souza Martins